
Rede e localidade central: o MST no Noroeste do Paraná

João Edmilson Fabrini *

RESUMO

A partir de Querência do Norte articula-se um conjunto de relações entre assentamentos e acampamentos na região Noroeste/PR. Este centro, representado pela Secretaria do MST e pela Cooperativa de Comercialização e Reforma Agrária Avante Ltda (COANA) localizados em Querência do Norte, torna-se um nó na mediação entre os assentamentos/acampamentos e a Secretaria Estadual (Curitiba) e Nacional (São Paulo). Portanto, Querência do Norte, enquanto uma localidade central, articula-se a um centro de controle e gestiona um determinado número de assentamentos e acampamentos espalhados pelos vários municípios do Noroeste do Paraná, formando assim, uma rede.

PALAVRAS-CHAVE: assentamentos, localidade central, rede.

Neste comentário, pretende-se tratar da construção de uma rede geográfica a partir das ações do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra em Querência do Norte/PR, considerando este município como centro de gestão de uma área que abrange 23 assentamentos e aproximadamente 25 acampamentos de trabalhadores rurais sem-terra no Noroeste do PR.

Este centro, representado pela Secretaria do MST e pela Cooperativa de Comercialização e Reforma Agrária Avante Ltda (COANA) localizados em Querência do Norte, torna-se um nó na mediação entre os assentamentos/acampamentos e a Secretaria Estadual e Nacional do MST, localizadas respectivamente em Curitiba e São Paulo. Portanto, Querência do Norte, enquanto uma localidade central, articula-se a um centro de controle e gestiona um determinado número de assentamentos e acampamentos espalhados pelos vários municípios do Noroeste do Paraná, formando assim, uma rede.

A rede de localidades centrais se constitui como uma estrutura territorial capaz de reproduzir as relações de classes sociais, como por exemplo, a realização da mais-valia, motor da acumulação capitalista. Por outro lado, pode-

se afirmar que a hierarquização de redes de localidades centrais constitui-se numa forma de organização espacial elaborada a partir de agentes sociais, contestadores da ordem estabelecida. Um conjunto de localizações interconectadas pode se realizar de inúmeras formas.

“Este conjunto pode ser constituído tanto por uma sede de cooperativa de produtores rurais e as fazendas a ela associadas, como pelas ligações materiais e imateriais que conectam a sede de uma grande empresa, seu centro de pesquisa e desenvolvimento, suas fábricas, depósitos e filiais de venda. Pode ser ainda constituído pelas agências de um banco e os fluxos de informações que circulam entre elas, pela sede da Igreja Católica, as dioceses e paróquias ou ainda pela rede ferroviária de uma dada região. Há, em realidade, inúmeras e variadas redes que recobrem, de modo visível ou não, a superfície terrestre.” (Corrêa, 1997, p.107).

Assim, propomos a tratar da elaboração de redes articuladas por localidades centrais, neste caso, MST/COANA de Querência do Norte, a partir da natureza organizativa dos trabalhadores,

* Professor Assistente do Departamento de Geografia da Universidade Estadual do Oeste do Paraná. E-mail: fabrini@unioeste.br

ou seja, da negação de uma sociedade dividida em classes. Se por um lado, o capital constrói uma rede de relações espacializadas no território para viabilizar sua reprodução, os trabalhadores também a constroem, no sentido de negar a reprodução da sociedade dividida em classes, como fazem no MST.

1. REDE GEOGRÁFICA E LOCALIDADES CENTRAIS

A existência de redes geográficas não é um fato recente e sua formação remonta à Antigüidade. No Império Romano, por exemplo, havia a formação de uma rede geográfica, mas não apresentava elevada complexidade na sua articulação (verifica-se a formação de uma rede semelhante à *rede solar*). A frase dita naquela época, de que “*Todos os caminhos levam a Roma*”, evidencia a centralidade exercida por esta cidade, pois todas as estradas do Império chegavam até a cidade central (Roma). A organização espacial dessa rede servia aos propósitos do Império Romano e materializava as relações sociais e de produção dessa sociedade.

O estudo das redes, constitui-se num tema geográfico e foi retomado pelos geógrafos recentemente, devido à necessidade de se compreender a organização espacial a partir da formação e territorialização das grandes corporações instaladas nos mais variados locais. Deve-se considerar, portanto, que o contexto da globalização “chamou” o geógrafo para discutir a temática das redes, a partir de novas perspectivas.

O estudo dessa temática teve grande impulso na década de 60, quando estes conhecimentos foram abordados no contexto do surgimento da Nova Geografia. Entretanto, já no século XVIII, quando o capitalismo começa a desabrochar, surgiram os primeiros conhecimentos sobre redes, desenvolvidos por pessoas de negócio, principalmente. É importante destacar que os primeiros estudos sobre redes geográficas não foram desenvolvidos e discutidos no âmbito acadêmico.

Nos estudos iniciais sobre redes no Brasil, destaca-se o papel de Pedro P. Geiger, Milton Santos e Roberto L. Corrêa. Estes autores desenvolveram e desenvolvem estudos no sentido de investigar as redes geográficas na fase atual do capitalismo, procurando compreender a questão a partir da perspectiva econômica,

social, política e cultural que caracteriza a materialidade social.

As relações sociais em si não são consideradas objetos da geografia. São consideradas geográficas aquelas relações sociais que apresentam dimensão espacial, ou seja, assumem perspectiva de lugares. Assim, não será qualquer rede que se constitui numa rede geográfica. Uma rede de parentesco ou um organograma de hierarquia de uma empresa somente serão geográficos se neles estiver contidos a perspectiva de lugar.

Não é rede geográfica ainda aquela que, embora esteja espacializada, se constitui como obra da natureza, como ocorre com uma rede fluvial. Esta se tornará uma rede geográfica a partir do momento em que estiver inserida num conjunto de relações sociais, ou seja, quando a rede fluvial tornar-se uma rede de transporte, por exemplo. Segundo Corrêa, as redes podem ser consideradas como “*um conjunto de localizações geográficas interconectadas entre si por um certo número de ligações*” representadas por fluxos e fixos e construída pelas ações humanas (Corrêa, 1997, p. 107).

É importante observar que nem todas as localidades estão inseridas no emaranhado das redes de forma homogênea, pois se considera que as relações sociais e de produção no capitalismo desenvolvem-se de maneira desigual, porém combinadas. Assim, pode-se verificar locais onde os mercados, por exemplo, estão bem articulados entre si, como se observa nas redes constituídas por instituições financeiras localizadas nas cidades. Por outro lado, verifica-se localidade onde se realiza a produção de mercadorias destinadas aos mercados locais, ou mesmo produtos que não podem ser classificados de mercadorias, como ocorre nas pequenas propriedades rurais e produção agrícola nos assentamentos de trabalhadores sem-terra. Evidencia-se assim a formação de redes de baixa e de elevada densidade.

A rede urbana constitui-se na rede geográfica mais acabada, na qual as cidades desempenham papel na articulação dos diversos fluxos (mercadorias, pessoas, informações, capitais, etc). Nesta articulação feita pelas cidades, observa-se uma hierarquia entre elas, o que deve ser considerada na formação e no estudo das redes. A partir dessa hierarquia, pode-se falar em localidades centrais.

“Segundo a proposição geral de Christaller, a diferenciação entre as localidades centrais traduz-se em uma região homogênea e desenvolvida economicamente, em uma nítida hierarquia definida simultaneamente pelo conjunto de bens e serviços oferecidos pelos estabelecimentos do setor terciário e pela atuação espacial dos mesmos. Essa hierarquia caracteriza-se pela existência de níveis estratificados de localidades centrais, nos quais os centros de um mesmo nível hierárquico oferecem um conjunto semelhante de bens e serviços e atuam sobre áreas semelhantes no que diz respeito à dimensão territorial e ao volume de população” (Corrêa, 1997, p. 41).

A teoria das localidades centrais foi formulada por Walter Christaller em 1933, conhecimento que foi “apropriado” pela nova geografia. Esta corrente de pensamento caracterizou-se por não produzir um estudo crítico sobre a sociedade e seu espaço, constituindo-se em muitos casos numa ideologia.

Entretanto, repensando a teoria dos lugares centrais, Corrêa (1997) imputa-lhe sentido histórico, definindo-a como um fenômeno submetido às transformações da sociedade capitalista, a partir de cinco proposições.

“A recuperação da teoria das localidades centrais é importante porque ela trata de um tema relevante que é o de organização espacial da distribuição de bens e serviços, portanto, de um aspecto da produção e de sua projeção espacial, sendo assim, uma faceta da totalidade social. Recuperá-la, porque se torna necessário enriquecer a visão geográfica da sociedade, isto é, enriquecer nossa compreensão sobre as diferentes formas de espacialização da sociedade” (Corrêa, 1997, p. 17).

2. REDE DE ASSENTAMENTOS E O MST EM QUERÊNCIA DO NORTE

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra surgiu em 1984, na cidade de Cascavel (PR), quando foi realizado o I Encontro Nacional dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, marcando o início das articulações das lutas no campo. Neste Encontro foram definidos os princípios,

forma de organização, reivindicação e luta do movimento, podendo-se considerar que marcou o início da formação de uma rede.

Até este ano, as lutas dos trabalhadores sem-terra no Brasil não estavam articuladas e se constituíam em movimentos isolados com ocupações de terra realizadas nos cinco Estados do sul do Brasil (SP, MS, PR, SC, RS). Embora isoladas, havia a participação expoente da CPT (Comissão Pastoral da Terra), criada em 1975, para apoiar as lutas dos trabalhadores no campo.

No Rio Grande do Sul havia ocorrido a ocupação das fazendas Macali e Brilhante, em Ronda Alta. Em Santa Catarina, se destacam as lutas no Oeste daquele Estado, como por exemplo, a ocupação da Fazenda Burro Branco, no município de Campo-Erê.

Neste mesmo período (final da década 70 e início dos 80), ocorrem lutas no Oeste de São Paulo, com destaque para a ocupação da fazenda Primavera em Andradina. Em Mato Grosso do Sul, ocorre a luta de resistência na terra pelos camponeses arrendatários que trabalhavam na derrubada das matas e formação de pastagens nas fazendas localizadas em Naviraí, Itaquiraí e Glória de Dourados, além da ocupação da fazenda Santa Idalina, no município de Ivinhema. É importante destacar, também, para evidenciar os vários focos de lutas desarticuladas, a ação dos trabalhadores brasiguaios, que retornam para o sul de Mato Grosso do Sul, montando acampamentos em vários municípios daquele Estado.

No Paraná, surge a luta dos agricultores que perderam as terras com a construção da barragem de Itaípu, através do “Movimento Justiça e Terra”, que reivindicava a justa indenização das terras. A experiência das lutas de Itaípu foi base para o surgimento de um forte movimento de agricultores sem terra no Oeste do Paraná, em 1981: o MASTRO.

A partir do Mastro, surgem também outros movimentos de agricultores sem-terra no Paraná, como foi o caso do Movimento dos Agricultores Sem Terra do Norte do Paraná (MASTEN), MASTES (Sudoeste), além de outros. Foram organizadas várias ocupações de latifúndios (Anoni, Cavernoso, Giacomet-Marodin, Imaribo) em vários municípios paranaenses.

Somadas as lutas desenvolvidas em outros Estados, estas mobilizações desembocaram num grande Encontro de trabalhadores sem-terra da área de atuação da Regional Sul da CPT, na

cidade de Medianeira (PR). Este encontro pode ser considerado como um evento precursor para o grande Encontro nacional realizado em Cascavel, quando foi fundado o MST. A partir daí, as lutas dos sem-terras se territorializaram no espaço e o MST passou a desenvolver ações e lutas articuladas em todo o território nacional. Assim, inicia-se a formação de uma rede nacional do MST. Entretanto, o fato da realização do Encontro de Cascavel já evidenciava uma articulação entre as lutas, base para a construção de uma rede geográfica que se afirma a partir de 1984.

As mobilizações na região Noroeste do Paraná, onde se encontra o município de Querência do Norte, não surge neste contexto inicial de articulação das lutas, como área vinculada às ações de trabalhadores sem-terra, embora aí predominassem os grandes latifúndios. As mobilizações surgem, principalmente, com as ocupações das terras do grupo Atalla, Mayrinck, Góes, Jabur, o que contribuiu para que Querência do Norte se tornasse o principal centro de lutas no Noroeste do Paraná, a partir desse período (final da década de 80).

As mobilizações dos trabalhadores sem-terra que se iniciaram a partir da ocupação da fazenda “29 Pontal do Tigre”, resultaram no assentamento de 336 famílias sem-terra (Assentamento Pontal do Tigre). A partir daí, o assentamento foi construído como o principal centro de lutas no Noroeste do Estado do Paraná.

As mobilizações dos trabalhadores sem-terra no Paraná, que nos anos iniciais estavam concentrada nas regiões Oeste, Sudoeste e Centro, principalmente, passaram a se desenvolver no Noroeste, tendo como base a experiência de luta dos trabalhadores em Querência do Norte.

As várias ocupações de terras feitas no Noroeste foram na maior parte articulada por este centro. Querência do Norte não se tornou um lugar importante somente pelo número de famílias de trabalhadores assentadas, mas pela organização tanto produtiva como política desses trabalhadores. A existência de 23 assentamentos e cerca de 25 acampamentos/ocupações e suas articulações interna e externa acabam formando uma rede geográfica.

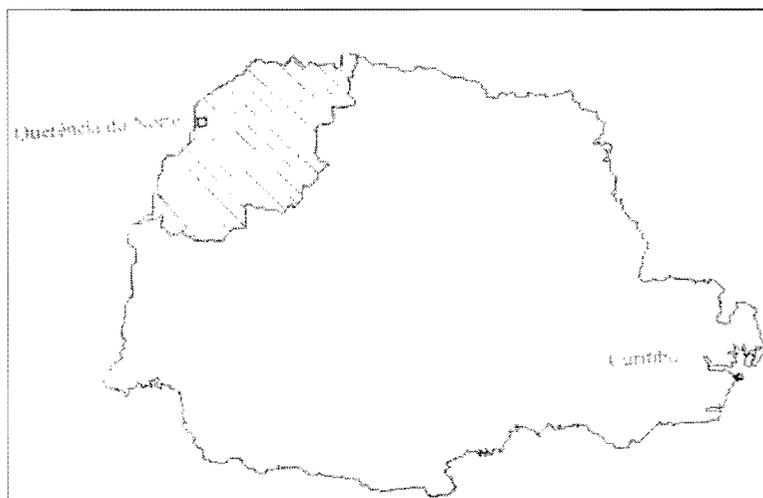


Figura 1 – Localidade Central (Querência do Norte)

A formação de uma rede geográfica a partir das articulações dos sem-terras não está vinculada somente às mobilizações para a conquista da terra (ocupações, caminhadas, atos públicos), mas também, aquelas que visam organizar a produção no interior dos assentamentos. Em ambas mobilizações, a cooperativa (COANA – Cooperativa de Comercialização e Reforma Agrária Avante Ltda) e a Secretaria do MST constituem-se no centro gestor do processo.

Através da cooperativa é feita a articulação entre os assentamentos e a direção do MST/CCA-PR (Cooperativa Central de Reforma Agrária do Paraná), em Curitiba ou em São Paulo.

Atentando para as mobilizações ligadas à produção agropecuária, aquelas organizações internas do MST (CPA-Cooperativa de Produção Agropecuária, CCA-Cooperativa Central de Reforma Agrária e CONCRAB – Confederação das Cooperativas de Reforma Agrária do Brasil),

formam também uma rede de relações espacializadas, pois, para a produção se realizar no interior de cada lote do assentamento, a cooperativa se faz presente, através da assistência técnica, por exemplo. O assentado, em seu lote, está vinculado a um grupo de produção, seja ele coletivo, semicoletivo ou associação. Conseqüentemente, este grupo articula-se com a CPA-Cooperativa de Produção Agropecuária ou a uma CCR-Cooperativa Central Regional. A Cooperativa Regional, neste caso, a COANA, centraliza as atividades em Querência do Norte e vincula-se a CCA, que está sediada em Curitiba. A articulação de todas as Cooperativas Centrais, forma a CONCRAB.

O fluxo de informações e mercadorias, principalmente, entre estas organizações internas espacializadas não diz respeito necessariamente à produção (agropecuária ou industrial). Aqui, a circulação de informações feita por cada um destes locais, assume papel importante na viabilização da proposta dos sem-terras.

A partir deste escorço, observa-se a formação de uma rede semelhante à *rede dendrítica complexa* de localidades centrais. A figura a seguir, refere-se ao sistema cooperativista abordado. Isso não significa que todas os assentados e cooperativas estejam organizados dessa forma.

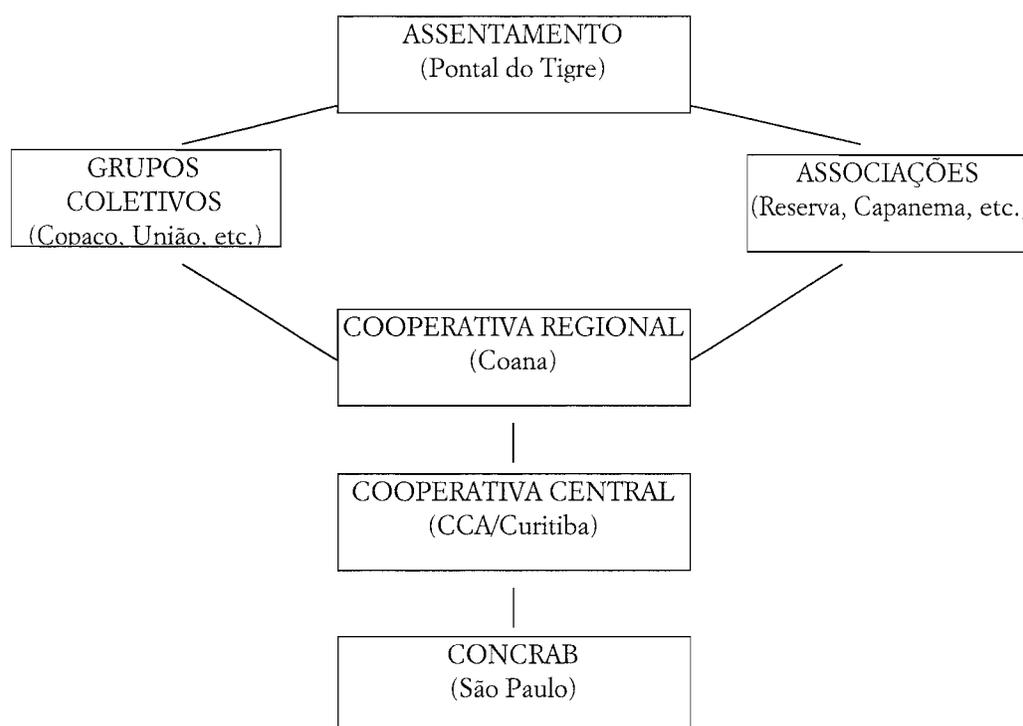


Figura 2 – Sistema Cooperativista (Querência do Norte)

Assim, observa-se que a partir de uma localidade central, ou seja, a Cooperativa ou a Secretaria do MST, instaladas em Querência do Norte, forma-se uma rede de relações sociais espacializadas. Os grupos coletivos, assentamentos, Cooperativa-Coana, Secretária do MST-PR, CCA, estão materializados num lugar. Esse, ao estar articulado a outros lugares, imprime sentido geográfico a esta rede de relações, formando assim, uma rede geográfica.

Aparentemente, o estudo sobre a formação de redes a partir de ações dos trabalhadores sem-

terra no Noroeste do PR não se constitui como um tema importante na compreensão desse “fenômeno” social. Evidentemente, esta questão (formação de rede a partir das ações do MST e das cooperativas dos sem-terras), constitui-se num tema importante de estudo, e cabe aos geógrafos, enquanto cientistas sociais, compreender estas questões a partir do seu objeto, o espaço. Dessa forma, os estudos sobre tais trabalhadores poderão diferenciar-se daqueles estudos desenvolvidos por outros ramos do conhecimento científico, como a sociologia, a

história, a economia, etc. Assim, os geógrafos poderão desenvolver conhecimentos, neste caso, sobre redes dos sem-terra, a partir da perspectiva espacial. Eis, a importância da geografia.

Dessa forma, este tema, que aparentemente estava distante do recorte de análise da ciência geográfica se constitui como uma grande questão a ser desenvolvida, para compreender o papel político da organização dos trabalhadores sem-terras na cooperativa de Querência do Norte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As lutas dos trabalhadores rurais sem-terras que se iniciaram com ações isoladas nos Estados mais ao sul do Brasil não se constituíam como uma rede geográfica, embora houvesse comunicação entre os trabalhadores, mediada pela importante ação da Comissão Pastoral da Terra.

Verifica-se que a fundação do MST no Brasil em 1984 na cidade de Cascavel resultou da necessidade de uma articulação maior destas

lutas. A partir daí, intensificam-se as relações entre a lutas dos sem-terras, que se materializam em um determinado espaço, permitindo a elaboração de uma rede geográfica do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.

Verifica-se ainda que a territorialização das lutas no espaço permitiu a formação de regiões. Aí, as lutas passaram a ser centralizadas e gestionadas por uma localidade central. No caso do Noroeste do Paraná, que se constituiu como uma região de lutas pela terra e também na terra, o centro de gestão é a COANA e a Secretaria do MST instaladas em Querência do Norte. Esta Localidade Central permite a articulação entre os assentamentos e as relações com a CONCRAB/CCA e Secretaria Nacional e Estadual do MST.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

CORRÊA, R.L. *Trajétórias Geográficas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

Net and central locality: the MST in northwest of Paraná

ABSTRACT

From Querência do Norte is articulated a whole of relations between settlements and camps in the northwest. This center is represented by of MST Secretariat and by Cooperativa de Comercialização e Reforma Agrária Avante Ltda (COANA), which are localized in Querência do Norte, it becomes a knot in the mediation between the settlements/ camps and the State Secretariat (Curitiba) and National (São Paulo). Thus, Querência do Norte, While a central locality, articulates to a center of control an conducts a determined number of settlements and camps, that are spread in many municipal districts of northwest of Paraná; so they formed a net.

KEY WORDS: settlements, central locality, net.